

XV Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR)
Grupo de Trabalho 09 – Ensino de Sociologia

O Ensino de Sociologia e a (re)significação das Redes Sociais *Online* na escola básica.

Fátima Ivone de Oliveira Ferreira – Colégio Pedro II
Rogério Mendes de Lima – Instituto de Aplicação da UERJ
Colégio Pedro II

O Ensino de Sociologia e a (re)significação das Redes Sociais *Online* na escola básica.

Fátima Ivone de Oliveira Ferreira¹

Rogério Mendes de Lima²

Resumo: A inserção da Sociologia como disciplina obrigatória no currículo da educação básica, trouxe para aqueles que exercem suas atividades enquanto professores ou pesquisadores do ensino de Sociologia, uma nova e desafiadora experiência. A do papel a ser exercido pela disciplina no âmbito da formação dos jovens que hoje frequentam o ensino básico. Tendo como ponto de partida, a avaliação de que as chamadas “redes sociais” desempenham um papel importante na construção de novas sociabilidades e identidades pessoais e coletivas no público juvenil, este trabalho, parte de uma pesquisa em andamento, procura debater qual o papel da Sociologia, especialmente de suas estratégias pedagógicas, na construção de uma apropriação crítica e com produção de conteúdo conectado com a realidade, por parte dos jovens de duas escolas tradicionais do Rio de Janeiro.

Palavras Chave: ensino de Sociologia; redes sociais *on-line*; Educação Básica

Introdução

A implantação da Sociologia como disciplina obrigatória nos currículos de Ensino Médio como forma de cumprimento da Lei 11648/2008, resultado de uma longa jornada, caracteriza, em princípio, uma nova posição política e pedagógica para a disciplina no âmbito da educação básica. Contudo, esta nova realidade traz para todos os cientistas sociais, particularmente aqueles que exercem suas atividades enquanto professores e pesquisadores do ensino

1 Professora e Chefe do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II; Doutoranda em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA).

2 Professor Adjunto do Instituto de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Professor do Colégio Pedro II; Professor Adjunto do Centro Universitário da Cidade.

de Sociologia, novas e desafiadoras experiências. Entre elas, a definição do papel a ser exercido pela disciplina na formação dos jovens e adultos que frequentam o ensino básico.

Neste sentido, considera-se que a Sociologia, enquanto conteúdo curricular tem uma tarefa a exercer no interior da escola. Este papel, na concepção que orienta o trabalho em tela, é o de que a Sociologia deve se afastar de uma concepção tradicional de escola e de disciplina em que a educação é concebida como simples acúmulo de conhecimentos não refletidos, naquilo que Freire (1997) denominou de *educação bancária*, que tende a diminuir os espaços para a reflexão e formação crítica. O espaço a ser ocupado pela Sociologia deve ser aquele onde a realidade social seja estranhada, problematizada e posteriormente desnaturalizada, possibilitando uma formação para além dos modelos tradicionalmente concebidos de cidadania e realizando o proposto por Moraes, Tomazi & Guimarães (2006) no que se refere aos objetivos da Sociologia no Ensino Médio.

Sendo assim, entendemos que a Sociologia que emerge neste contexto seja uma disciplina afastada tanto da escola tradicional, quanto dos modelos behavioristas, atuando como um elemento colaborador na redefinição dos processos formativos, das relações sociais no espaço escolar e por consequência, na reflexão dos jovens e adultos que compõem o corpo discente, sobre a escola e a sociedade em que vivem, de modo que possam atuar como sujeitos em seu cotidiano.

Dentre tantos fenômenos que nas últimas décadas tem produzidos efeitos no interior do espaço escolar, um merece destaque. As denominadas *redes sociais on-line*, que ao unir tecnologia, espaço de sociabilidade e veículo de circulação de informações, tornou-se uma febre, para usarmos um termo bem ao gosto de nossa época, entre aqueles que têm acesso à internet, em especial, o público juvenil. Suas consequências, positivas e negativas, podem ser observadas na escola das mais diversas maneiras. Na relação entre alunos, na relação por vezes entre estes e seus professores, em menor grau, na relação entre os próprios professores. Estas redes sociais *on-line* têm influenciado ainda nas demandas, conflitos e desafios que enfrentam atualmente as escolas. Se não podem ser consideradas responsáveis pelos problemas e desafios vividos no interior deste espaço, dão a estes uma nova

configuração, inserindo diversos elementos que tornam mais complexa, a compreensão e a ação sobre as relações e estruturas que constituem o espaço da escola.

Buscando inserção no intenso debate que vem sendo realizado por diversos pesquisadores (RECUERO,2009, LEMOS &LÉVY,2010) no âmbito da Comunicação e das Ciências Sociais, este artigo procura inicialmente estabelecer uma relação entre as redes sociais e o modo como a juventude se constitui socialmente. Consciente de que esta relação impacta na interpretação e experiência que os jovens constroem em seu cotidiano e partindo da premissa de que uma das tarefas da Sociologia é desnaturalizar e gerar estranhamento frente à realidade social, procura-se em um segundo momento, apontar como as estratégias e conteúdos das aulas de Sociologia podem contribuir para que as *redes sociais on-line* possam ser este instrumento, a médio e longo prazo.

Neste sentido, este estudo procura dar conta das seguintes questões: Qual o impacto das redes sociais na desnaturalização e no estranhamento da realidade social por parte destes jovens? Estariam estas redes colaborando no sentido de desvelar as estruturas sociais sob as quais organizamos nossas vidas? Ou seriam espaços de consolidação de uma visão de mundo específica que valoriza o consumismo e a futilidade, afastando-os dos grandes debates acerca de seu próprio mundo?

As Orientações Curriculares Nacionais (MORAES, TOMAZI & GUIMARÃES 2006; 111) afirmam que as razões que justificam a presença da Sociologia na composição curricular do ensino médio, se reforçam ainda mais em nossos dias. As relações sociais mais complexas, a racionalização cada vez mais mediada pelo conhecimento científico e tecnológico, combinados com um predomínio do discurso que “naturaliza” todas as recentes transformações ocorridas em nossas sociedades, fundamenta a intervenção da Sociologia no processo de formação da juventude.

A partir destas reflexões, foi elaborado um projeto de pesquisa que visa acompanhar durante determinado tempo, um conjunto de jovens alunos do ensino médio de duas escolas tradicionais da cidade do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II (CPII) e o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, mais conhecido como Colégio de Aplicação da Universidade de

Estado do Rio de Janeiro (Cap-UERJ), avaliando como a implementação das propostas, métodos e atividades diversas da disciplina de Sociologia tem produzido impacto no modo como estes alunos fazem uso das redes sociais *on-line* como forma de reconhecimento, reflexão e intervenção crítica sobre sua própria realidade. O presente artigo traz para debate algumas das primeiras impressões observadas nas fases iniciais da pesquisa.

I - Redes Sociais *on-line* e Sociabilidade Juvenil

Tradicionalmente, coube a Antropologia desenvolver o conceito de redes sociais, vistas como elos que perpassam diversos grupos em suas relações coletivas internas criando vínculos que sustentam de modo mais ou menos intenso uma dada formação social (BOTH, 1976). Antes dela, podemos identificar em Mauss (2003) em seu *Ensaio sobre a Dádiva*, elementos importantes para a reflexão sobre as redes sociais contemporâneas.

Mauss (2003) em uma crítica ao utilitarismo e às teorias sobre a predominância do mercado discute que a vida social é fundamentada na associação e nas relações entre os homens. Estas relações, por sua vez se cristalizam em um conjunto de ações recíprocas que constroem laços e vínculos entre indivíduos e grupos no interior de um sistema social. Redundam por sua vez em rituais que reforçam estes laços e seu caráter balizador na constituição das relações sociais de determinada coletividade, em especial, as representações coletivas que estes indivíduos associados constroem.

Barros (1987) ressalta o fato de que estas representações permitem observar o estado em que se encontra o grupo social em questão. No interior de um sistema social, diversas representações coexistem e permitem ao ator social estabelecer diferentes conexões em variados graus com outros sujeitos que partilham, integral ou parcialmente, de algumas destas representações. A transformação desta consciência coletiva em ações ou laços concretos constitui o embrião das denominadas redes sociais.

No interior das Ciências Sociais, emergem duas diferentes abordagens das redes sociais (Marteleto, 2001). Na primeira visão, considera-se que as redes permitem identificar o comportamento e a conformação das organizações

sociais. De outra perspectiva, as redes são um instrumento de construção de sentido dos atores sociais em oposição às determinações sociais.

Vilarinho e Ferreira (2010) afirmam que este conceito pode ser utilizado em diferentes quadros e contextos, buscando dar conta das diferentes configurações que as relações entre grupos e dentro deles vão adquirindo no processo de construção da vida social. Termos como conexidade, malha estreita, malha frouxa, são usados para caracterizar o impacto das relações construídas entre indivíduos, grupos e sociedades.

Castells (1999) analisa o conjunto de transformações que modifica profundamente as estruturas das sociedades contemporâneas e ao fazê-lo, identifica a tecnologia como elemento central para a compreensão do que ele denomina *sociedade da informação*. Nesta nova configuração social, trazida pela exponencial aplicação de tecnologia ao cotidiano, o conceito de rede social adquire outros significados para além da perspectiva adotada pelas discussões antropológicas da segunda metade do século passado.

De acordo com Marteleto e Tomael (2006;75) *“redes sociais referem-se a um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por relacionamentos sociais”*. Estes relacionamentos podem ser *“motivados pela amizade e por relações de trabalho ou compartilhamento de informações e, por meio dessas ligações, vão construindo e reconstruindo a estrutura social.”* (idem).

Recuero (2006;26), afirma que *“uma rede social é definida por dois elementos: os atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”*. Pode ser compreendida como as trocas que possibilitam o processo de comunicação entre os indivíduos que origina os diferentes grupos sociais. No contexto de consolidação de uma sociedade em que a tecnologia informacional (CASTELLS, 1999), se torna um mediador das relações sociais, a análise das *redes sociais on-line ganha importância*. Na atualidade, a tecnologia assume um papel de centralidade na cultura juvenil. A comunicação mediada pelo computador (RECUERO, 2006) é parte integrante da realidade cotidiana deste público. Neste sentido, as redes sociais *on-line* são instrumentos de desenvolvimento de sociabilidades diversas no contexto de um mundo em que a mediação digital ocupa cada vez mais espaço na vida dos jovens.

Lemos (2003) e Lemos e Lévy (2010), relacionam as *redes sociais on-line* à cibercultura, entendida como “conjunto de processos tecnológicos, midiáticos e sociais emergentes a partir da década de 70 do século passado com a convergência das telecomunicações, da informática e da sociabilidade” (LEMOS, 2003; 13). No modo como percebem as redes sociais, estas se constituem em conseqüência da consolidação de novas práticas culturais e sociais que tem no mundo virtual seu local de expressão por excelência.

Na visão de Almeida & Eugênio (2006) o uso da Internet pelos jovens transformou a “*tela*” em espaço de experiências e interações que formam a arquitetura social de nossos dias. A popularização das tecnologias da comunicação vem ampliando as maneiras de estabelecer vínculos. Segundo (LEMOS & LÉVY, 2010), as comunidades formadas no ciberespaço ligam-se por proximidades semânticas e não apenas geográficas ou institucionais. As redes sociais contemporâneas, como o facebook, twitter e orkut, instituíram uma verdadeira “computação social” (idem, 2010) ao unir ferramentas da web 2.0 para compartilhar gostos, usos, imagens, intensificando as possibilidades de contatos interpessoais.

Numa visão bastante otimista deste processo, estes autores afirmam que há uma reconfiguração na esfera pública, ocorrendo o que eles caracterizam como “*uma erosão da esfera privada*” (LEMOS & LÉVY, 2010). Nesta vertente, que atribui às redes sociais um papel revolucionário e reconfigurador das relações e estruturas sociais, a noção de indivíduo, concebida na modernidade, perde espaço. Em seu lugar, emerge uma nova percepção de si e do mundo, marcada pela mobilidade e agilidade. Neste sentido, a utilização das redes faz com que os jovens ingressem em um espaço de sociabilidade onde o menor movimento pode significar um compartilhamento de elementos da sua individualidade.

Entretanto, isto não é visto como um problema. Os partidários desta perspectiva, entendem que as redes sociais *on-line* possibilitam a construção de um novo espaço democrático, ao estabelecer uma nova maneira de “fazer sociedade” no ciberespaço. A palavra será liberada e as pessoas associadas exercerão sua cidadania de modo ativo, menos fisicamente presente, porém de modo mais abrangente pela ampliação da superfície de contatos. A circulação

das idéias no mundo da “computação social”, subverte as distinções construídas na modernidade, transformando os papéis sociais que deixam de ser determinados pela realidade material e pelas posições de status e passam a ser construídos pelos atores sociais no próprio espaço da rede (LEMOS E LÈVY, 2010). Os autores compreendem que isto afeta positivamente os processos de aquisição de informação, de expressão, de associação e de deliberação, criando uma nova forma da democracia, ativa e com potencial efetivo de influenciar nas decisões políticas “ *essa mutação na esfera pública tem outro efeito, a pressão que exerce sobre as administrações estatais e sobre os governos*” (LEMOS E LÈVY, 2010, p.14).

Tapscott (2010) compartilha deste otimismo em relação às redes sociais *on-line*. Na discussão sobre o que denomina de *geração internet*, Tapscott aponta que a experiência digital tem possibilitado uma nova compreensão do mundo. Afirma ele:

Em todo o mundo, essa geração está inundando os locais de trabalho, o mercado e todos os nichos da sociedade. Ela está introduzindo no mundo sua força demográfica, sua sabedoria midiática, seu poder de compra, seus novos modelos de colaboração e criação de filhos, seu empreendimento e seu poder político. (TAPSCOTT 2010; 11)

Contudo, algumas ponderações devem ser feitas em relação às discussões propostas por estes autores para o tema. Sem desconsiderar o papel exercido pela tecnologia, em especial as redes sociais *on-line*, na formação dos jovens e na construção de diferentes formas de sociabilidade, entendemos que as redes sociais *on-line* devem ser percebidas, avaliadas e caracterizadas a partir de como se configura o uso das ferramentas tecnológicas e não a partir dos objetivos pelas quais foram criadas. Sendo assim, a avaliação e o efetivo papel dessas redes, somente podem ser corretamente enunciados no bojo de uma reflexão concreta de como os jovens brasileiros utilizam esta tecnologia e quais significados a ela atribuem.

Castells (2003) aponta que são os comportamentos socioculturais que definem o alcance das tecnologias e não o oposto. Desse modo, é possível pontuar que as redes sociais *on-line* devem ser pensadas a partir do uso e do lugar que ocupam no universo dos jovens, o que possibilita uma visão mais ampliada e menos esquemática das próprias redes. A partir deste ponto, há

que se considerar que suas identidades pessoais e coletivas e em muitos casos, o modo de interação com o mundo seguem parâmetros que são estabelecidos pelas experiências vividas nestas redes e o peso que elas têm na construção das referências sociais sobre o seu cotidiano. Libânio(2004) interpreta que a tecnologia tem tido um papel de afastar os jovens de sua realidade, configurando uma forma de ideologia que leva à perda de consciência social e política dos jovens e a conseqüente redução do papel ativo na definição dos rumos da sociedade, visto que se constroi uma cultura do individualismo e uma apropriação da tecnologia de viés narcisista e alienado. Virilio (1999) argumenta que a internet e seus desdobramentos são uma forma de desagregação social bastante grave.

De nosso ponto de vista, avaliamos que uma caracterização das redes sociais que não considera os efeitos e conseqüências de sua utilização pelos jovens, tende a desconectar a ação na rede da realidade social cotidiana, como se estas constituíssem espaços sociais distintos. Em verdade, do mesmo modo que não podemos separar a dimensão material e simbólica da cultura, no interior dos indivíduos, também não se pode pensar em um mundo virtual que exista independente das estruturas e relações sociais que se travam no mundo real.

Castells (2001) ao discutir o papel das comunidades virtuais aponta que estas se desenvolvem num contexto em que as estruturas que serviram de base para a construção das diferentes formas de sociabilidade a partir do século XIX, estão em profunda transformação. O padrão de sociabilidade caminha para um núcleo constituído em torno da família nuclear “a partir de onde redes de laços seletivos são formadas segundo os interesses e valores de cada membro da família.” (CASTELLS, 2001;107).Nestas redes, as relações estabelecidas raramente são íntimas, e os laços construídos, em sua maioria, não se perpetuam, porém são importantes na construção das identidades sociais.

Uma das questões mais prementes dentro desta discussão consiste na proposição de que os três princípios da cibercultura (emissão, conexão e reconfiguração) estariam transformando as relações sociais rumo à ciberdemocracia planetária (LEMOS e LÈVY, 2010), nessa direção, as redes

sociais *on-line* propiciariam a liberação da palavra. No entanto, os relatos descortinam que há limites impostos pelos próprios atores.

“Nas redes sociais, me sinto livre para falar o que bem entender, pois não há uma censura física, apenas a moral, a minha moral, ou seja, a única censura é o limite moral de cada um.”(depoimento de aluno do ensino médio CP11)

“O que a pessoa escreve pode influenciar muitas pessoas e acarretar várias consequências, ou a pessoa pode até ficar mal vista dependendo do que escreveu. Mas acho sim que as pessoas hoje se sentem mais desinibidas para falar no computador, redes sociais, do que pessoalmente, ali cara-a-cara”(depoimento de aluna do ensino médio CP11)

Deste modo, a chamada liberação da palavra, ainda que presente, não está totalmente apartada dos padrões culturais locais. As teorias que defendem o espaço *on-line* como um local de rompimento com as raízes socioculturais e com os limites impostos pelo convívio social, não encontram correspondência na percepção que os jovens atores sociais tem de sua inserção nas redes.

De outra maneira ainda, a tese de que a participação nas redes tende a democratizar ou criar uma nova forma de participação pública, parece contradizer a perspectiva individualista que tem sido o padrão de participação nas redes *on-line*. Castells (2001; 108-109) discute que a característica marcante destas comunidades virtuais é de serem suporte para a construção de um “individualismo em rede”.

“Não falo sobre religião, nem política, não me sinto vigiada, mas não gosto muito de ser “fuxicada” por desconhecidos.”(depoimento de aluna do ensino médio CP11).

Os relatos e observações realizadas até o momento entre os jovens analisados nesta pesquisa permitem concluir que, por um lado, a percepção da rede como um local de desenvolvimento de uma revolução democrática que alteraria os padrões e a compreensão do espaço público, não se confirma. A predominância de uma perspectiva centrada nas próprias questões e interesses particulares tem sido a atitude predominante e não o interesse coletivo. Percebemos a repetição nas redes *on-line*, de uma característica presente nos espaços não virtuais, o predomínio da lógica individual sobre a coletiva.

Uma segunda questão a ser desenvolvida refere-se ao papel que estas redes poderiam assumir no estranhamento e desvelamento das estruturas sociais que nos cercam. Em nossas observações, as redes sociais *on-line* não

podem ser consideradas ainda como instrumentos para uma intervenção crítica na realidade social. Muito porque a predominância da perspectiva individualista impede o estranhamento e o posterior desvelamento das estruturas sociais, como demonstram as falas abaixo.

“É uma forma fácil de conhecer pessoas novas, falar rapidamente com um conhecido, até também para se divertir.”

“As redes sociais, na verdade a Internet em geral, vêm tornando as relações interpessoais cada vez mais distantes. Aos poucos, as pessoas (em especial os jovens) vão deixando de saber dizer certas coisas frente-a-frente”.

“De certa forma os relacionamentos são “virtualizados “ demais, mas as redes sociais são, hoje em dia, a melhor forma de se manter contato”.

“Hoje, é muito mais fácil se comunicar, a maioria dos jovens estão “logados” praticamente 24 horas, realmente, a praticidade que a Internet trouxe, só facilitou”.

(depoimentos de alunos do ensino médio CPII)

Em alguns momentos, os relacionamentos estabelecidos na rede cumprem uma função para além das relações interpessoais. Mesmo quando isto parece ocorrer, como na recente crise do governo do Estado do Rio de Janeiro com os bombeiros, ocasião em que as redes exerceram um papel importante na divulgação das propostas e atividades da categoria, criando um exemplo de malha de solidariedade com as demandas dos trabalhadores, ela não resulta em laços permanentes ou em envolvimento mais direto na questão. Sobressai uma interação distante com o fenômeno ocorrido.

“No caso dos bombeiros a rede social ajudou a mobilizar as pessoas para a passeata e para soltar os que estavam presos. Eu mesmo convoquei vários colegas (...) depois que soltaram os soldados eu não prestei mais atenção no caso.” (fala de um aluno de Ensino Médio do CAP/UERJ)

Diante deste quadro, esta primeira análise aponta que o potencial de reconhecimento das estruturas sociais e da intervenção dos jovens a partir da utilização das redes sociais *on-line*, tem sido limitado pela apropriação que este público tem feito das informações obtidas ou disponibilizadas na rede, ou mesmo de como estes jovens tem transformado as afinidades simbólicas em ações concretas.

Na hipótese inicial deste estudo, este fato se explica por conta da perspectiva sócio-cultural que estes jovens estão construindo na cultura digital. A valorização de uma percepção individualista e por vezes narcisista deste espaço, resultante de um conjunto de fatores, entre os quais, a naturalização das transformações sociais que geram a sociedade da informação, combinada com uma cultura que (re)produz uma *“identidade pessoal flexível e compatível*

com as novas relações de trabalho e (...) a conversão do sujeito à moral das sensações imediatas.” (COSTA, 2007).

Concordamos que as redes sociais *on-line* possam colaborar no sentido de construir uma cultura mais democrática e cidadã, que favoreça a luta por novas formas de organização social e política e incentive diferentes modelos de participação política ativa nos próximos anos. Partilhamos da expectativa de Santos (2000) de que as novas tecnologias que geram a sociedade da informação, possam também ser utilizadas como elemento de questionamento das estruturas sociais injustas e desiguais que permeiam as sociedades capitalistas. Entretanto, isto não é algo dado naturalmente. Precisa ser construído. Em outras palavras, o sentido e o alcance das transformações geradas pelas redes sociais *on-line* dependem dos significados que elas possam ter para os atores sociais. É neste ponto que reside o papel a ser exercido pelo ensino de Sociologia.

II. O Ensino de Sociologia e as Redes Sociais *On-line*

Uma crítica recorrente à instituição escolar diz respeito à sua incapacidade em considerar as necessidades da juventude. Ao oferecerem resistência aos mecanismos de distinção formais propostos pela escola, os jovens evidenciam a gestores e professores, que existe uma dicotomia entre os objetivos institucionais e a cultura juvenil (BARBOSA e ARAÚJO, 2009). Os jovens que hoje estão na escola básica brasileira, ao vivenciarem um processo de socialização permeado pela cultura digital, experimentam mudanças radicais nas concepções de tempo e espaço e em suas dinâmicas de interação social.

Estudos e reflexões anteriores (VILARINHO & FERREIRA, 2010; LIMA, 2009; SILVA, 2010) demonstraram os impasses que a educação vem enfrentando na sociedade da informação. A resposta para tais impasses sinaliza necessária, mas não unicamente, para a reorganização do espaço escolar e para a redefinição dos modelos pedagógicos utilizados principalmente no ensino médio. Dentro desta perspectiva, a Sociologia tem uma contribuição indispensável a disponibilizar. A história da disciplina, sua tradição teórica e metodológica, desde que efetivamente mediada por proposta

pedagógica adequada, pode constituir-se em um diferencial na construção de uma nova proposta de educação e de escola (LIMA, 2009).

A convivência entre a estrutura acadêmica formal da escola e a cultura das interfaces exigirá uma reformulação das práticas e estratégias pedagógicas dos atores envolvidos. Além disso, a vida contemporânea nos centros urbanos, atravessada pela presença das tecnologias de informação e comunicação (TICs) em todos os setores sociais, potencializa processos de fragmentação da experiência. Os estudantes da escola básica, especialmente os do ensino médio, têm expressado certa dificuldade em acompanhar e formular uma argumentação consistente que conecte o tempo histórico com o tempo presente, o que sugere a professores e pais a presença de um universo cultural particular e desafiante. A aceleração crescente da oferta de tecnologias analíticas - cognitivas, visuais, auditivas, médicas, gustativas, aliada à manipulação de uma demanda pela satisfação consumista e imediata, reflete uma face cultural de exaltação da novidade e ataque à história. No entanto, essas mesmas tecnologias que fragmentam a experiência, conectam esses jovens ao mundo inteiro, possibilitando a abertura de redes de colaboração jamais vividas por tantos em relação a tantos (LEVINE, 1997).

A escola e os docentes já incorporaram outras tecnologias a seu cotidiano, Dwyer (2010) aponta a possibilidade que o professor, especialmente o de Sociologia, tem em explorar o trabalho intelectual à distância, a partir da investigação de vários discursos em blogs, sessões de bate-papo, intercâmbios entre grupos diversos e construção de análises alternativas e comparativas. Nossa pesquisa teve como alvo alunos de ensino médio de duas escolas públicas do Rio de Janeiro consideradas de excelência, esses jovens configuram-se como usuários das redes sociais *on-line* e sempre que possível estão conectados. Em uma das escolas estudadas, já existe o ambiente *wireless*, o que permite aos estudantes e professores proprietários de laptops, iPhones e smartphones, a mobilidade informacional. Entretanto, tal potencialidade tecnológica não é apropriada para uso pedagógico.

Os jovens estudantes parecem compartilhar um estilo de vida digital que enfatiza os valores típicos da sociedade contemporânea, como conectividade e velocidade. Entretanto, no contexto escolar, as práticas por meio das quais o

uso da internet e redes sociais *on-line* se constituem, podem sofrer alguma influência dos valores e normas institucionais locais. Sassen (2007) aponta o processo de imbricações digitais / sociais como forma de evitar os riscos de interpretar e conceber separadamente o digital e o não – digital, desconsiderando os vínculos com o lugar e impedindo uma leitura mais complexa das interações entre mundo digital e as condições sociais dos atores envolvidos. É a captura das imbricações digitais / sociais que favorece a compreensão da lógica social das formações digitais.

Ao colocar em discussão a sociedade e os processos humanos de construção de uma sociabilidade, a Sociologia, enquanto disciplina, pode questionar a visão fetichista da tecnologia, acenando para o uso melhor e mais criativo dos recursos tecnológicos disponíveis. Em recente encontro de ensino de Sociologia na educação básica (ENESEB2010), uma professora afirmou ter recorrido ao Orkut para conhecer melhor seus alunos. Tal afirmação pode causar estranheza, ao contrastar presença física e virtual, afinal a professora está em contato presencial com seus alunos, como imaginar que acessar um software social pode agregar mais detalhes e uma aproximação maior ao relacionamento da professora com seus alunos?

De acordo com Almeida & Eugênio (2006), a lista de amigos e comunidades do Orkut serve como um atalho para construir uma espécie de “planta-baixa” de alguém, um percurso que levaria muito tempo se fosse trilhado *off-line*. De fato, cada vez mais jovens professores, consumidores das redes sociais *on-line*, estão compartilhando aspectos de suas realidades com seus jovens alunos, também presentes e atuantes nestas redes. Configura-se um novo padrão de interação social, mediado pela internet, com sua capacidade de multiplicar as relações sociais e assumindo centralidade nas expressões e sociabilidades juvenis.

Entretanto, é ainda motivo de conflito entre professores e alunos, o uso indiscriminado de celulares, ipods e câmeras em sala de aula. O risco é a dispersão, a invasão da privacidade (qual privacidade?) e transgressão das normas disciplinares. No Rio de Janeiro, a Lei nº5222, de 11 de abril de 2008 proíbe o uso de telefones celulares nas escolas estaduais. Segundo a pesquisadora da PUC-SP, Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, a proibição

só incentiva o uso escondido e a desatenção na dinâmica da aula³. Por outro lado, os celulares podem possibilitar o trabalho com imagens, filmagens e acesso a conteúdos da internet.

III. A proposta pedagógica da Sociologia e a (re) significação das redes sociais on line: um caso de afinidade eletiva?

É bastante significativo perceber que entre os jovens com os quais estamos em contato, as redes sociais *on-line* são reconhecidamente, uma forma eficaz e generalizada de estar em comunicação com cada vez mais amigos, facilitar o gerenciamento das tarefas escolares, administrar encontros presenciais, compartilhar fotos, organizar e divulgar eventos e obter informações sobre os mais variados temas. Ainda que dentro de uma perspectiva individualista e voltada para interesses mais pessoais e imediatos.

Nesse contexto, problematizar as relações sociais experimentadas em redes, relacionando-as a conceitos como movimentos sociais, identidade social ou a temas como vida cotidiana e violência urbana, torna-se uma possibilidade pedagógica imperativa. O fenômeno das comunidades mediadas por computador pode ser analisado a partir dos conceitos clássicos de comunidade e sociedade, destacando as motivações empáticas de agregação nas redes sociais *on-line* e *off-line*. A análise criteriosa das potencialidades das ferramentas sociotécnicas disponíveis na contemporaneidade, referendadas por leituras críticas de seus principais teóricos, pode acenar para a reflexão do uso que o jovem faz das redes sociais *on-line*, despertando a curiosidade e abrindo caminhos para a mobilização e intervenção social.

A clássica abordagem da relação Indivíduo e Sociedade e o conceito de socialização, presentes em muitos livros didáticos de Sociologia, por sua importância na compreensão dos processos sociais, podem ser estudados a

3 Entrevista publicada na Revista Nova Escola de junho/julho de 2010, na qual a pesquisadora defende o webcurrículo, ou seja, um currículo que se desenvolve por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação, especialmente mediado pela internet.

partir da atualidade das redes sociais *on-line*. Também a desigualdade social e os rumos da democracia no planeta podem sugerir a discussão do direito ao acesso à internet e a reflexão sobre o conceito e as políticas de inclusão digital.

Pensar as redes sociais *on-line* como estratégia estruturante de um programa de Sociologia na escola básica significa criar um ambiente de integração entre a cultura juvenil e a escola. Significa ainda envolver o que há de mais novo e estimulante na realidade dos estudantes, em uma apropriação criativa para o processo pedagógico. Problematizar a realidade do mundo do trabalho e relacionar as transformações na esfera produtiva com o desenvolvimento da sociedade da informação é outra das tarefas que a Sociologia pode cumprir em uma proposta pedagógica em que as redes sociais *on-line* sejam consideradas como parte essencial no processo de construção do indivíduo e da sociedade dos nossos dias. Analisar o contexto socioeconômico em que as redes são produzidas é outra das possibilidades que a Sociologia tem enquanto disciplina.

Em todos os exemplos mencionados, a reflexão sociológica pode cumprir um duplo papel. Permitir ao jovem estudante estranhar a própria rede e entendê-la como um produto histórico, desnaturalizando uma concepção bastante comum de considerar as redes sociais *on-line* quase como uma “evolução” dos processos de comunicação.

Estes podem ser alguns dos passos que articulados com outras estratégias e experiências pedagógicas pode levar os alunos a descobrirem um novo significado para as redes sociais *on-line*. Neste processo, evidentemente, muitas podem ser as alternativas e possibilidades. Não nos cabe aqui referendar esta ou aquela tese sobre o futuro destas redes. Mas há sem sombra de dúvida um papel a ser exercido pela Sociologia nesta (re)significação.

O conceito de *afinidade eletiva* é utilizado na Sociologia pela primeira vez quando Weber (2002) estabelece uma relação entre certo tipo de ascese protestante e as condições culturais que colaboram no desenvolvimento do capitalismo em determinadas regiões da Europa. Lowy (1989) descreve o

desenvolvimento e a utilização histórica deste conceito desde sua origem até sua apropriação pelas Ciências Sociais. Para ele, este conceito:

nos permite justificar processos de interação que não dependem nem da causalidade direta, nem da relação “expressiva” entre forma e conteúdo (por exemplo, a forma religiosa como “expressão” de um conteúdo político ou social). (...) Naturalmente, a afinidade eletiva não se dá no vazio ou na placidez da espiritualidade pura: ela é favorecida (ou desfavorecida) por condições históricas ou sociais. (...). Neste sentido, uma análise em termos de afinidade eletiva é perfeitamente compatível com o reconhecimento do papel determinante das condições econômicas e sociais.(LOWY APUD BOTH; 415-416)

Na linha de raciocínio proposta por este artigo, nos parece que nas condições históricas, culturais e políticas da atualidade no Brasil, a Sociologia e as redes sociais *on-line* constituem um caso particular de afinidade eletiva. A Sociologia enquanto disciplina em busca de seu lugar no interior da educação básica, tem como uma de suas propostas prementes a utilização de novas ferramentas pedagógicas que permitam aos alunos estranhar e desnaturalizar o seu próprio cotidiano.

Por outro lado, as redes sociais *on-line* como ferramentas de comunicação e construção de sociabilidades em um mundo em que a mediação digital se torna cada vez mais importante, carecem de uma apropriação menos individualista e egocentrada que favoreça um aproveitamento mais qualificado e coletivo das inúmeras possibilidades sociais, culturais e políticas que a tecnologia disponível nos permite.

Neste sentido, a combinação entre ambas pode resultar na descoberta de uma saída para alguns dos inúmeros impasses que a educação básica e o espaço escolar enfrentam em nossos dias ao mesmo tempo em que tanto a Sociologia quanto as redes sociais *on-line* podem se consolidar como alternativas pedagógicas, educacionais e sociais importantes na explicação e compreensão de uma realidade social ainda desconhecida e desafiadora.

Considerações Finais

Muitas são as possibilidades de trabalho pedagógico em Sociologia utilizando os recursos das redes sociais *on-line*. Esta pesquisa em andamento,

procura investigar a centralidade desses softwares sociais na vida dos estudantes do Cap - UERJ e do Colégio Pedro II, entendendo que na atualidade, se constituem como elementos estruturantes das relações sociais e afetivas desses jovens. A proposta de reflexão sobre o uso que os jovens atores sociais fazem dessas redes, aponta alguns caminhos de apropriação dessas ferramentas na leitura crítica do mundo contemporâneo.

As informações obtidas até o momento desvelam a necessidade de produção de novos significados para as redes sociais *on-line*. A constatação de que estas redes são de fato um novo e cada vez mais importante espaço de sociabilidade em nossos dias, traz para o ensino de Sociologia uma responsabilidade ainda maior. Se antes era necessário estranhar e desnaturalizar o mundo partindo de elementos concretos da realidade, hoje há o desafio de fazê-lo nos espaços virtuais. Principalmente porque estes podem ser locais em que questões fundamentais da produção da existência, da cultura e das relações de poder, sejam destituídas de seus contextos concretos e tratadas de modo irrelevante, em que a vida cotidiana seja pensada como produto de relações sem conexão com a realidade vivida pela maior parte da humanidade.

No entanto, apesar dos desafios e impasses, as condições peculiares da Sociologia enquanto disciplina de educação básica podem favorecer a construção de estratégias pedagógicas (re)significantes das redes sociais *on-line*, numa combinação que permita a ambas exercerem um papel fundamental no desvelamento das estruturas sociais por parte dos jovens, resultando talvez num rico momento de formação das novas gerações.

Referências

ALMEIDA & EUGÊNIO, Maria Isabel Mendes de, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

ALMEIDA & EUGÊNIO, Maria Isabel Mendes de, Fernanda. **O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil** in Cabeças Digitais: o cotidiano na era da informação: Ana Maria Nicolaci-da-Costa. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola,2006

BARBOSA, Frederico e ARAÚJO, Herton . **Juventude e Cultura in Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília. IPEA, 2009 disponível na internet via http://ipea.gov.br/sites/000/2/livros/livro_JuventudePolíticas.pdf Arquivo consultado em junho de 2010

BARROS, Myriam L. de, **Autoridade e Afeto**, Jorge Zahar, RJ, 1987.

BOTH , Laura Garbini. **As Afinidades eletivas entre o Direito e a Antropologia na perspectiva de Clifford Geertz**, in Revista Direitos Fundamentais e Democracia, n. 7, 2010.

BOTH, Elizabeth. **Família e Rede Social**, Ed. Francisco Alves, 1976.

CASTELLS, M. A Galáxia da Internet. RJ, Zahar, 2003.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede, SP, Paz e Terra. 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **Perspectivas da juventude na sociedade de mercado** in Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação/ (organizadores) Regina Novaes e Paulo Vannuchi. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2007

DWYER, Tom. **Sociologia, Tecnologias de Informação e Comunicação** in Sociologia: Ensino Médio Amaury Cesar Moraes (coord.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino; volume 15

FERREIRA. Fátima de O. F. & VILARINHO, Lucia R. G. "[Educação e sociabilidade nas redes sociais online: o que dizem estudantes de uma escola de ensino médio do Rio de Janeiro](#)" in <http://www.abciber2010.pontaodaeco.org/trabalhos>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

HANDFAS, Anita & OLIVEIRA, Luiz. F. (orgs) **A Sociologia Vai à Escola**. Rio de Janeiro. Quartet, 2009.

LEMOS, André & LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia**: São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura, cultura e identidade**. Em direção a uma "Cultura Copyleft"

LEVINE, Donald Nathan. **Visões da Tradição Sociológica**. Rio de Janeiro. Zahar Ed. 1997.

Libânio. J. Jovens em Tempo de Pós Modernidade. SP, Edições Loyola, 2004.

- LIMA, Rogerio Mendes de. **(Re) descobertas: considerações sobre o trabalho etnográfico com turmas de Sociologia.** In A Sociologia vai à Escola. Rio de Janeiro. Quartet, 2009. PP.141-152
- LIMA, Rogério Mendes de. **Novos Olhares e Práticas, e porque não, Uma Nova Escola: A Sociologia e os rumos da educação básica.** XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009.
- LÖWY, Michael. **Redenção e utopia.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- MARTELETO, Regina Maria & TOMAEL, Maria Inês. **Redes Sociais, posição dos atores no fluxo da informação.** VI ENANCIB, 2006.
- MARTELETO, Regina Maria. **Análises de Redes Sociais – aplicação aos estudos de transferência da informação,** UFRJ, 2001
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva.** in: Mauss, M. Sociologia e Antropologia. SP, Cosac Naif, 2003
- MORAES, Amaury Cesar, TOMAZI Nelson Dacio & GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. **Orientações Curriculares para o ensino médio;** volume 3, Ciências humanas e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em Redes Sociais na Internet,** Tese de Doutorado. UFRGS, 2006.
- RECUERO,Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre, RS: Sulina, 2009
- Santos. Milton. **Por uma Outra Globalização, do pensamento unido à consciência universal.** Editora Record, 2000.
- SASSEN, Saskia. **A construção do objeto de estudo digitalizado** in Informação e desenvolvimento: conhecimento, inovação e apropriação social. Maria Lucia Maciel, sarita Albagli(Org.). Brasília: IBICT, UNESCO, 2007
- SILVA, Marco. Sala de Aula Interativa.São Paulo:Edições Loyola,2010
- TAPSCOTT,Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos.** Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- VIRILIO, Paul. **A Bomba informática.** São Paulo: Estação Liberdade, 1999.